



CARTOGRAFIAS DO “SERTÃO-DE-DENTRO” NA OBRA DE NATÉRCIA CAMPOS: AUTORIA FEMININA NORDESTINA

Sérgio Wellington Freire Chaves¹

Universidade Federal do Pará, UFPA, Faculdade de Letras, Bragança, PA, Brasil.

Roniê Rodrigues da Silva²

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Letras, Pau dos Ferros, RN, Brasil.

Resumo: Considerando necessários os estudos de revisão da crítica literária para resgate, apresentação, estudo e análise de uma literatura produzida por mulheres, propomo-nos analisar horizontalmente a obra da escritora contemporânea cearense Natércia Campos. Objetivamos, pontualmente, partindo da enunciada obra, refletirmos acerca da construção de um novo espaço literário representado na contemporaneidade, o que a autora denomina por “sertão-de-dentro”. Esse sertão emerge como resultado de transformações sociais ocorridas nas últimas décadas, apresentando modernizações e industrializações que propõem certo avivamento telúrico ausentes de uma tradição em prosa literária brasileira, uma vez que o espaço sertanejo foi quase sempre representado na historiografia sob a égide de alguns projetos específicos, seja na construção de uma identidade nacional, no Romantismo, seja como denúncia da inoperância governamental, no Modernismo. Para o desenvolvimento da discussão, pautar-nos-emos, dentre tantos outros, em Gutiérrez e Moraes (2007), Zolin (2003) e Lobo (1999).

Palavras-Chave: Literatura Brasileira Contemporânea; Natércia Campos; “Sertão-de-dentro”.

CARTOGRAPHIES OF THE “SERTÃO-DE-DENTRO” IN NATÉRCIA CAMPOS’ WORK: NORTHEASTERN FEMALE AUTHORSHIP

Abstract: Considering necessary the studies of reviewing literary criticism for rescue, presentation, study and analysis of literature production by women, we propose to analyze linearly the work from the contemporary writer Natércia Campos from Ceará. Our main

¹ Sérgio Wellington Freire Chaves – Docente de Teoria Literária da UFPA e discente como doutorando do Programa de Pós-graduação em Letras da UERN. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ensino de Língua Portuguesa, Trabalho e Formação Docente – GEPELF. Área de atuação: Teoria Literária – Narratologia; Letramento Literário. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2623-2371>; e-mail: sergiofreire@ufpa.br

² Docente permanente do PPGL / UERN. Coordenador do Grupo de Pesquisa: A tradição do regionalismo na Literatura Brasileira. Área de atuação: Literatura e Identidade Nacional, Literatura e Alteridade e Literatura e Sociedade. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2738-7087>. E-mail: rodrigopinon2014@gmail.com.



by analyzing this literary work is to reflect about the construction of a new literary area emerging from the contemporarily age which the author calls “sertão-de-dentro”. This sertão emerges as the result of social transformations that have occurred in the last decades, presenting modernizations and industrializations that propose a certain telluric revival absent in the Brazilian literary prose tradition, since the sertanejo space has almost always been represented in historiography under the aegis of some specific projects, whether in the construction of a national identity, in Romanticism, or as a denunciation of governmental inoperativeness, in Modernism. Gutiérrez and Moraes (2007), Zolin (2003) and Lobo (1999) are some of our readings to guide this study.

Keywords: Contemporary Brazilian Literature; Natércia Campos; “Sertão-de-dentro”.

CARTOGRAFÍAS DEL “SERTÃO-DE-DENTRO” EN LA OBRA DE NATÉRCIA CAMPOS: AUTORÍA FEMENINA DEL NORESTE

Resumen: Considerando la necesidad de estudios de revisión de la crítica literaria para el rescate, presentación, estudio y análisis de una literatura producida por mujeres, nos proponemos analizar horizontalmente la obra de la escritora contemporánea de Ceará, Natércia Campos. Nuestro objetivo, a partir de esta obra, es reflexionar sobre la construcción de un nuevo espacio literario representado en la contemporaneidad, que el autor denomina “sertão-de-dentro”. Este sertão surge como resultado de las transformaciones sociales ocurridas en las últimas décadas, presentando modernizaciones e industrializaciones que proponen un cierto renacimiento telúrico ausente de una tradición en la prosa literaria brasileña, ya que el espacio sertanejo casi siempre ha sido representado en la historiografía bajo la égida de algunos proyectos específicos, ya sea en la construcción de una identidad nacional, en el Romanticismo, o como denuncia de la inoperancia gubernamental, en el Modernismo. Para el desarrollo de esta discusión, nos basaremos, entre otros muchos, en Gutiérrez y Moraes (2007), Zolin (2003) y Lobo (1999).

Palabras-clave: Literatura brasileña contemporánea; Natércia Campos; "Sertão-de-dentro".

LES CARTOGRAPHIES DU "SERTÃO-DE-DENTRO" DANS L'ŒUVRE DE NATÉRCIA CAMPOS: UNE ÉCRITURE FÉMININE DU NORD-EST DU PAYS

Résumé: Considérant la nécessité d'études de révision de la critique littéraire pour le sauvetage, la présentation, l'étude et l'analyse d'une littérature produite par des femmes, nous proposons d'analyser horizontalement l'œuvre de l'écrivain contemporaine de Ceará, Natércia Campos. Notre objectif, à partir de ce travail, est de réfléchir à la construction d'un nouvel espace littéraire représenté dans la contemporanéité, que l'auteur appelle "sertão-de-dentro" (les arrière-pays de l'intérieur). Ce sertão émerge comme le résultat des transformations sociales qui se sont produites au cours des dernières décennies, présentant des modernisations et des industrialisations qui proposent un certain renouveau tellurique absent d'une tradition dans la prose littéraire brésilienne, puisque l'espace sertanejo a presque toujours été représenté dans l'historiographie sous l'égide de certains projets spécifiques, que ce soit dans la construction d'une identité nationale, dans le romantisme, ou comme dénonciation de l'inopéance gouvernementale,



dans le modernisme. Pour le développement de cette discussion, nous nous baserons, parmi beaucoup d'autres, sur Gutiérrez et Moraes (2007), Zolin (2003) et Lobo (1999).

Mots-clés: Littérature brésilienne contemporaine; Natércia Campos; "Sertão-de-dentro".

INTRODUÇÃO – LITERATURA DE AUTORIA FEMININA E O CÂNONE LITERÁRIO

Historicamente, somente no final do século XX iniciou-se, de fato, um processo de visibilidade da literatura escrita por mulheres. Até aquele período, poucas eram as escritoras que conseguiam ultrapassar o cerco canônico literário que as colocava à margem da história da literatura, não raramente, por meio de ações discriminatórias como, a exemplo, a não publicação de suas obras pelo mercado editorial, independente da qualidade estética do produto literário.

Verifica-se, também, nas décadas finais do século XX, que essa literatura feminina passa a ser aceita como objeto literário legítimo à pesquisa, considerado pela crítica e teoria literária como literatura de fato. Tais ações estabelecem uma radical, mas necessária, justa e tardia mudança de visão de mundo patriarcal e machista que punha as mulheres excluídas do sistema literário. Luiza Lobo nos alerta que a mulher que desejasse adentrar ao mundo da literatura seria percebida como alguém em dissonância ao preestabelecido: “Ser o outro, o excluído, o estranho, é o próprio da mulher que quer penetrar no ‘sério’ mundo acadêmico ou literário” (LOBO, 1999, p. 01).

Isso porque, até então, as vozes femininas estiveram silenciadas não somente literariamente, mas em todas as esferas sociais. É fato que, atualmente, tanto na literatura quanto na vida social em geral, mudanças ocorreram referentes à mulher, a exemplo do já exposto anteriormente. Contudo, a questão do silenciamento feminino na literatura não parece, de fato, ainda hoje, totalmente resolvida e superada. As possíveis causas são das mais variadas, cabendo a nós - pesquisadores da linguagem, professores de literatura e críticos literários - buscar, conhecer, ler, refletir, analisar, criticar, apresentar e divulgar a escrita dessas mulheres marginalizadas ao longo do tempo, bem como ainda propor espaços de voz para aquelas produções contemporâneas. Tudo isso possibilitará uma ampliação (tão urgente) do cânone literário, dissolvendo, ainda que vagarosamente, práticas sociais hegemônicas, advindas do patriarcalismo e do machismo, que acabam repercutindo na literatura.



Estudos que buscam dissipar esse silenciamento da escrita feminina – como de qualquer uma outra parcela social subalternizada, conhecida como minorias – em sua gênese, buscam promover uma justa renovação. Assim, o ensaio que ora escrevemos insere-se nessa seara, objetivando apresentar e divulgar, a partir de um estudo reflexivo-analítico, a obra da escritora contemporânea cearense Natércia Campos e, assim, fomentar a sua leitura. Reiterando, o escrito propõe-se a uma apreciação e visitação a toda escrita naterciana, observando especialmente o fenômeno da representação do “sertão-de-dentro” em suas narrativas, seguindo, portanto, um estudo horizontal da categoria espaço por meio do conjunto da obra.

A OBRA E A VIDA DE NATÉRCIA CAMPOS E O ESPAÇO “SERTÃO-DE-DENTRO”

Natércia Campos apresenta-se no cenário da Literatura Brasileira Contemporânea como uma escritora singular. Artífice de um tecido literário, embora curto, forte, cada obra sua, e o conjunto delas, é uma “nódoa estilística”, que chama a atenção por uma feição muito própria. Isso porque em seu modo de escrever literatura, a autora foge às classificações em voga da periodização e teoria literária, mirando novos horizontes possíveis às letras pela representação do que problematizaremos ao longo desse texto como uma ficcionalização do “sertão-de-dentro” na literatura nacional.

Filha do contista, nacionalmente conhecido, Moreira Campos, escritor, dentre outras obras, da famigerada *Dizem que os cães vêem coisas* (1987), Natércia Campos nasceu no ano de 1938, no dia derradeiro do mês de setembro, na Praia de Iracema, Fortaleza, onde logo aprendera a melodia das pancadas do mar – o cantar poético das ondas a bailar entre os rochedos e falésias. Viveu sessenta e cinco anos, quando falece, em 2004, no dia dois do mês de junho, vítima de câncer. A autora inicia sua carreira literária tardiamente, já quando se torna avó, em 1984, ao escrever seu premiado conto *A Escada*, quando, longe de sua terra natal, na Espanha, encontrava-se em visita ao primeiro neto que nascera. O conto seria publicado somente três anos depois, em 1987. Estava, então, iniciada a exposição da sua arte literária ao público leitor. Como ela mesma relatou em inúmeras entrevistas concedidas, escrever a acalmava, dava-lhe prazer, ainda que fosse um processo trabalhoso, na medida em que sua escrita literária partia de agudas pesquisas de cunhos, sobretudo, antropológico, histórico, social e cultural.



Por ser filha de escritor já laureado, sua escrita sofre, então, um crivo ainda maior da crítica literária, como que obrigação ela tivesse de seguir a trilha de contista do pai, o que não deixa de tornar irônico o fato de sua obra de maior renome ser um romance. Natércia, entretanto, não fugiria à referência literária paternal, revelando algumas das características da carpintaria artística moreiriana em seu monumento literário, como espécie de débito, conta paga, diante das eternas dívidas e saldos familiares que sempre nos são tão comuns.

Contudo, inquestionavelmente, é Luís da Câmara Cascudo, folclorista, antropólogo, historiador, advogado e jornalista potiguar, sua influência maior. Ele lhe apresenta um sertão não caricatural, para além daquele quase sempre constituído pela imagem da seca e estereotipado pela abrangência da miséria, e que é tão somente parcela da realidade, ou seja, fragmento, parte que não reflete, necessariamente, o todo, mas que acaba sendo recontada e reinventada ao longo da história para expor essa região do Brasil – o sertão nordestino. Sobre a importância da obra de Câmara Cascudo, ela mesma assegura:

Foi, no entanto, muito depois que descobri o mundo mítico dos longínquos sertões-de-dentro, bem distante do meu sertão-de-fora, a Praia de Iracema, onde nasci. Devo este meu deslumbramento ao meu tio e compadre querido, Hildebrando Espínola, jornalista, professor, sociólogo e bibliófilo. Ele me pôs nas mãos o "Dicionário do Folclore Brasileiro", de Luís da Câmara Cascudo. Foi esse livro a minha bússola. Com ele segui como os antigos pastores da Mesopotâmia que se guiavam pelas estrelas e por elas sabiam dos caminhos da terra. [...] Meu primeiro livro, de nome "Iluminuras", foi a ele dedicado: 'Para o Mestre Luís da Câmara Cascudo, minha magia e meu real' (CAMPOS, 2001, p. 227 - 228).

É com Cascudo guiando-a através da sua vasta bibliografia, e com o auxílio da sabedoria repassada no seio familiar dos seus ancestrais, que Campos apresenta-nos, a partir de sua obra, um novo espaço na literatura nacional, ao que ela por bem denominou, no seu discurso de posse na Academia Cearense de Letras – ACL, de "sertão-de-dentro". Esse "sertão-de-dentro" não se inaugura, nem tampouco se finda somente na e pela obra naterciana. Nela, no entanto, apresenta-se engenhosamente, tornando-se mais evidente, provocando parcial ruptura com o até então espaço sertão representado por uma tradição literária.

Para além da atividade literária, Natércia Campos, como exímia tecedeira que era, produzia, juntamente com sua irmã, grandes tapetes com pinturas artesanais e bordados, que depois eram expostos e vendidos, chegando até mesmo a exportar tais



peças para os Estados Unidos. Talvez essa experiência tenha ajudado a compor sua literatura unindo as palavras de maneira desusada, singular, a partir da qual se percebe no seu trabalho de artífice da escrita algo maior: poeticidade. Nesse sentido, como seu texto um retábulo fosse, acrescia seus mosaicos verbais por meio de colagens, procedimento esse que formava um material em formato de papiro, muito condizendo com suas narrativas atemporais. Como resultado disso, sua escrita é o que, seguramente, compreendemos por prosa poética.

No seu processo de criação, ela produzia primeiro a parte ficcional, dando vida a seus personagens e narradores – prosopopeicos até – envoltos de determinado tempo e espaço, nem sempre tão aparentes, para somente depois incrementar o enredo, recorrendo as suas pesquisas etnográficas. Esses acréscimos se davam de maneira rudimentar, como num trabalho artesanal com a palavra, pois, ainda que tenha participado do início de um apogeu tecnológico, Natércia Campos foi avessa ao computador e às novas tecnologias, preferindo sempre o registro manuscrito do texto. Carolina Campos, sua filha caçula, em entrevista concedida à pesquisadora da obra naterciana Elisabete S. A. Lima (2009), lembra o processo criativo de sua mãe:

Tinha uns papéis com metros ou um metro e meio de papel pregado. Porque ela ia juntando. Ela pesquisava e escrevia e depois dizia “eu tenho que colocar isso aqui” e colava. Tem gente que escreve grande e vai cortando e ela, pelo contrário, ia enxertando as pesquisas dela. Escrevia a história e enxertava dados, porque quando escrevia, mesmo a parte ficcional, era de roldão. Era fluida, fluente, mas quando ia encaixar as pesquisas enxertava os pedaços com durex. Eu até falava, ave maria, Mamãe isso parece um papiro que a gente vai desenrolando e fica um papel comprido (CAMPOS *apud* LIMA, 2009, p. 161).

Consoante se nota pela fala da filha, Natércia Campos valia-se de fatos, histórias, registros, para escrever. Fazia uma ciranda de livros ao seu redor, entre os quais não podiam faltar o *Dicionário do Folclore Brasileiro* de Câmara Cascudo, publicado, originalmente, em 1954, e o *Dicionário Aurélio*. As revisões de suas narrativas eram, por meio de suas solicitações, realizadas por sempre muitos: familiares, amigos, escritores. Mostrava-se sempre disposta a ouvir e acatava a revisão que considerava melhor para a versão final de sua escrita.

Já escritora premiada nacionalmente, depois do conto *A Escada*, publicaria em 1988 – um ano depois de entregue ao público seu conto de estreia – *Ilumimuras*, obra composta por quinze narrativas e que lhe rendeu seu segundo prêmio na categoria conto, na IV Bienal Nestlé de Literatura Brasileira. O livro, que na primeira edição é assinado



com seu nome de casada, Natércia Campos de Saboya – e dedicado a “Seu El, meu encosto”, e ao mestre “Luís da Câmara Cascudo, minha magia e meu real” – seria, na segunda edição e então doravante, assinado sem o sobrenome Saboya e sem a dedicatória a El, referência ao ex-marido José Emanuel Pápi Saboya – neto do também escritor cearense Antônio Pápi Junior – com quem Natércia teve seis filhos: Caterina, José Thomé, Clarissa, Rodrigo, Emmanuela e Carolina.

Apresenta-se nessa obra um espaço lendário e de lendárias personagens contextualizados num ambiente de espécie medieval. Se ainda não se representa nesses contos o que se ficcionalizaria como o seu “sertão-de-dentro”, observamos um espaço encantado do medieval alegórico, espaço esse que sempre conversa com o sertão do nordeste brasileiro e dele mesmo faz parte por meio de manifestações artísticas, culturais e literárias, a exemplo, a Literatura de Cordel, que possui, ainda hoje, tantas inclinações marcadamente oriundas da Idade Média.

A respeito da recepção crítica do livro de contos, o ficcionista Nilto Maciel, numa publicação crítica sobre *Iluminuras* ao *Jornal Diário do Nordeste*, em junho de 2003, destaca que:

As narrativas deste livro trazem enredos compostos de tons de suave impressionismo. A pintura medieval do ambiente está mais presente em *Iluminuras*. Medieval em sentido amplo, alegórico, do inconsciente: O cemitério, a cruz, as ervas, o mosteiro. Ambiente povoado de personagens antigos: o ferreiro, o fazedor de selas e arreios, o fabricante de armadilhas e gaiolas, monges, penitentes. Nada de sertões, romarias de Padre Cícero, devotas de todos os santos (MACIEL, 2003).

Os elos com o espaço do sertão que temos em *Iluminuras* são compostos pela ambientação que é construída nos contos, sobretudo pelo intermédio de superstições, crenças e credices que, reajustadas ao espaço e ao tempo, compõem os contos populares sertanejos. A exemplo disso, lembremos do conto “O Pagão”, narrativa em que aparece representada uma criança morta que é enterrada sem o batismo, portanto, pagã e que, por isso, ouve-se soturnamente seu chorar, desencantando-se somente depois do batismo póstumo. Essa personagem exemplar da coletânea de contos natercianos poderia estar presente tanto no espaço medieval quanto no sertanejo nordestino, observando-se, assim, os procedimentos iniciais que fariam, posteriormente, surgir na obra da escritora um espaço sertanejo mítico e místico, supersticioso e de crenças, repleto de tramas e dramas familiares e do cotidiano: o “sertão-de-dentro”.



Considerando essas impressões sobre *Iluminuras*, seria possível dizer que, em sua primeira obra, Natércia Campos nos apresenta um espaço às escuras, repleto de sombras e lampejos, mas no qual já existe presente uma ligação com o sertão – sua cultura, o que dele inferimos. Nele destacam-se rezadeiras, benzedadeiras, visionários e loucos proféticos, bem como espaços como alpendres, ermidas e cemitérios, compondo pequenos elos e pontes que ligam seu primeiro livro ao seu “sertão-de-dentro” representado de maneira tão singular no penúltimo livro por ela escrito, *A Casa*, publicado em 1999.

Dez anos depois do lançamento de sua primeira coletânea de contos, Natércia Campos publica em 1998 seu segundo livro, *Por terras de Camões e Cervantes*. No intervalo entre a primeira e a segunda obra, participa das coletâneas *Antologia do Conto Cearense* (1990), com a publicação de “O Jardim”; *O Talento Cearense em Contos* (1996), com “Penitentes”; e em *Letras ao Sol – Antologia da Literatura Cearense* (1998), com o conto “Eles”. Publica, ainda, alguns contos aleatoriamente: um texto sem título na coletânea *3 x 4*, lançado em 15 de março de 1991; outro texto sem título em *18 Posters-Poemas*, lançado em outubro de 1991; “Nada mais efêmero e eterno”, no jornal *O Povo*, em 11 de novembro de 1991; e “Alvíssaras”, em *Poesia Plural*, em dezembro de 1991. Por fim, organiza os dois volumes de contos – *Obras Completas* (1996) – de Moreira Campos.

Em *Por terras de Camões e Cervantes*, deparamo-nos com uma carta-poética, narrativa histórica que emerge como resultado de viagem realizada a Portugal e Espanha pela escritora no Ano Novo de 1998. Artur Eduardo Benevides, ensaísta, poeta e contista cearense, afirma ser “[...] uma peça literária do mais alto valor, digna da herdeira intelectual de Moreira Campos” (BENEVIDES *apud* CAMPOS, 2002, p. 63). Já Francisco Carvalho, poeta cearense, relata que a narrativa é “[...] um vigoroso exemplo de prosa poética. [...] atingiu aquela altíssima fronteira aonde só chegam os verdadeiros escritores. Lendo as suas narrativas, aprendi novas e exemplares lições de poesia” (CARVALHO *apud* CAMPOS, 2002, p. 65). E José Alcides Pinto, escritor cearense, escreveu: “[...] percorre as terras de além-mar com o encanto de uma fada e a ânsia absoluta de querer saber mais do que a história pode dar. [...] nos deu um livro admirável” (PINTO *apud* CAMPOS, 2002, p. 68,71). A título de comprovação da apreciação crítica, observemos parte da narrativa na qual podemos compreender todo o esmero de Natércia Campos no relatar dos espaços visitados durante a viagem:



D. Pedro ofertou as mais ricas jóias de sua Inês de Castro ao Mosteiro de Alcobaça, para serem cravejados no cálice de ouro da Eucaristia. Douu a grande esmeralda que sua mãe, Dona Beatriz de Castela, a ele deixara por testamento, aos monges, que doravante guardariam o corpo de sua querida Inês. Silenciosa, percorri o espaço entre os dois lavrados túmulos, não colocados paralelos como são, em Batalha, o de D. João e Filipa – dando ele a mão a ela e, sim, a mando de D. Pedro, confrontados, pois ambos, ao se levantarem no Juízo Final, serão seus amados rostos que primeiro contemplarão (CAMPOS, 2002, p. 09-10).

A carta de viagem é, de fato, aprimorada na escrita, apresentando as armas dos castelos espanhóis e as cruzes das igrejas portuguesas, bem como as cidades centenárias daqueles dois países vizinhos, com o requinte de um olhar poético e de afincado pesquisador (historiador) de um tempo a muito já ido, características recorrentes da prosa naterciana.

O terceiro livro da autora seria considerado para alguns críticos, ensaístas e estudiosos como conto (infantil), para outros como romance. Intitulado *A Noite das Fogueiras*, também publicado em 1998, teria, a início, o título de *A Noite das Bruxas* e narra o mítico encontro, numa noite de mistérios, entre uma menina de nove anos – de uma “longínqua aldeia de pequenas casas bem próximas de um grande bosque [...] A menina nascera na ‘Verde Erinn’, como os antigos navegadores designavam a enfeitada ilha-esmeralda da Irlanda [...]” (CAMPOS, 1998, p. 17) – e uma bruxinha de nome Befana. É, o livro escrito, a narrativa contada aos seus filhos quando crianças, talvez por isso, a eles e netos dedicado: “Aos meus filhos, meus netos e aos que virão, esta história que cultivei em toda a minha vida como um talismã...” (CAMPOS, 1998, p. 05). Sobre o livro, Carolina Campos, sua filha, relembra:

Eu, muito manhosa, a caçula, pedi para a Mamãe contar uma história que é o cerne da *A Noite das Fogueiras*, que durante muito tempo teve como primeiro título *A Noite das Bruxas*. Nesse tempo, o Zé ainda era vivo, ela começou a escrever aí. Eu falei, “Mãe, você deveria publicar isso. Que história linda!”, que é o começo d’*A Noite das Fogueiras*. Porque é o seguinte, *A Noite das Fogueiras* é imenso porque ele é enciclopédico, é cheio de pesquisa, mas se você for sugar a história, ela contou toda do Tianguá descendo a serra até Fortaleza, até chegarmos em casa, no Papicu (CAMPOS *apud* LIMA, 2009, p. 160).

Na narrativa, a menina e a bruxinha se conhecem na noite das fogueiras, e toda a história se passa nessa única noite. Na verdade, é essa a noite que se comemora o Ano Novo Celta, no fim do outono, e que a nós nos chegou como a noite das bruxas, no dia 31 de outubro, em pleno solstício de inverno. Era comum nessa época do ano, especialmente naquela noite, todos da aldeia se recolherem mais cedo que o habitual, respeitando as diferenças que pairavam no ar como um presságio. Mas exatamente nessa



noite a menina, aproveitando-se do adormecer da mãe, sai casa afora em direção ao bosque, seguindo fagulhas de luz que a levaram muito longe, encontrando-se com seres variados e sendo descoberta pela bruxinha.

Desse momento em diante, a bruxinha leva a sua amiga numa viagem pelo tempo e pelo mundo, indo aos amplidões polares de onde olhariam o universo: Polo Norte, Países Escandinavos, Lapônia, Sibéria, Mongólia, Oriente, Himalaia, Sicília, Japão, Mar Mediterrâneo, Oceano Atlântico, Rio Nilo, Saara, Mar Egeu, Rio Reno, Cordilheira dos Andes, Macchu-Picchu, Floresta Amazônica – dentre outros mais lugares geográficos, históricos ou mitológicos, até chegarem, por fim, ao nordeste brasileiro, designadamente, ao Ceará e seu sertão:

O Ceará, “Terra da Luz”, é a única região do mundo de clima semi-árido somente alimentado pelas chuvas. Inexiste ali o Agreste e a Zona da Mata como ocorre no restante de outras regiões, pois o sertão se debruça no mar. Lá, o crepúsculo traz o vento Araka-ti, “brisa boa, brisa bonita”, como era chamada pelos índios, em horários diferentes para cada região. É visita sempre bem-vinda por seus afagos (CAMPOS, 1998, p. 106).

O livro, por si somente, é uma grande alegoria do procedimento de transculturalidade que se deu não somente no sertão, no Ceará, no Nordeste, no Brasil, na América do Sul e latina, mas em todo o mundo ao longo do tempo. Temos em *A Noite da Fogueiras* as origens do “sertão-de-dentro” construído por Natércia Campos. É através dele que compreendemos onde ela buscou aquilo que seria o sertão do cotidiano familiar aparentemente banal. Sertão esse construído culturalmente por meio de tempos imemoriais e ermas distâncias, mas que a escritora Natércia Campos reconstituiu, a partir de um competente trabalho de pesquisa do qual ela resgata os elementos essenciais com os quais compõe suas narrativas. Ela mesma relata:

No Brasil, a vivência e magia de povos, que nos precederam e colonizaram, envolveram-nos com sua força encantatória. Foi um rolar sem fim de mutações, adaptações, de acordo com a necessidade de nosso povo [...]. Quase sempre não nos aprofundamos nas raízes e, sim, só alcançamos a árvore outonal, quase desnuda, das histórias, transfiguradas por várias razões, entre elas a religiosa e a geográfica. [...] esse legado nos chegou, por vezes, de civilizações ainda mais antigas do que aquelas de que temos conhecimento. Muito antes da ‘descoberta’, as fogueiras já eram acesas em várias regiões do mundo, numa cerimônia antiquíssima, agrária, de adoração ao sol, durante os solstícios. Só muito tempo depois é que as chamas das fogueiras foram acesas em regozijo a São João Batista (CAMPOS, 1998, p. 12-13).

A Noite das Fogueiras é, portanto, uma narrativa em que sua escritora nos apresenta seu olhar pesquisador das fontes – origens mais seguras – da composição do



espaço sertanejo que, detalhadamente, vai se tornando uma marca singular da sua narrativa, transformando sua obra numa estética inovadora em relação às demais escritas literárias que lhes foram contemporâneas.

A cartografia desse espaço sertanejo aparecerá representada de maneira singular na obra *A casa*, publicada em 04 de agosto de 1999, pela Imprensa Universitária – UFC. Esse romance seria considerado, unanimemente por toda a crítica literária cearense, a obra-prima de Natércia Campos, consoante se pode ler na avaliação de Gerardo Mello Mourão, poeta, ficcionista jornalista, tradutor, ensaísta e biógrafo brasileiro: “obra-prima da literatura de todos os tempos” (*apud* GUTIÉRREZ e MORAES, 2007, p. 13). Na narrativa, antropomorfizada, uma casa, construída no sertão cearense, narra histórias de gerações e gerações de uma família, apresentando um sertão pouco conhecido até então na literatura brasileira. O romance teria ainda duas edições outras. A segunda em 2004, próxima à morte da escritora, também pela Editora UFC, por ocasião do vestibular da instituição no fim daquele ano, e a terceira edição, em 2011, pelo Prêmio Otacílio de Azevedo e sob a coordenação de Carolina Campos e outros colaboradores, pela editora Imprece.

Por fim, em 2001, organiza *Em Alpendres d’Acauã*, espécie de entrevista ao norte-rio-grandense Oswald Lamartine de Faria, discípulo de Câmara Cascudo. No seu discurso de posse na Academia Cearense de Letras, Natércia Campos afirma que inicia as leituras da obra de Lamartine de Faria por intermédio do tio Hidelbrando Espínola, professor, jornalista, sociólogo e bibliófilo, que a emprestara *A Caça nos Sertões de Seridó* (1961):

Leia, Natércia. Você vai gostar. O homem é um dos grandes em etnografia. Obedeci. Segui seu rastro. Seu aboio. Suas abelhas. Seus açudes. Seus arreios e vaqueiros. Suas histórias marcadas por um estilo inconfundível – seu ferro e sinal – trazem de volta os dias de antanho do sertão-velho, com seus preceitos e a integração total do homem à natureza (CAMPOS, 2001, p. 229).

Daí nasce uma amizade, a princípio por cartas, que se estenderia até a morte da escritora, sendo Lamartine até mesmo um dos revisores d’*A Casa*, como é admissível verificarmos ao observarmos exemplares das primeiras versões do romance, disponíveis no Acervo do Escritor Cearense – AEC, nos quais é possível lermos observações manuscritas pelo próprio escritor potiguar. Diante tanto, Natércia Campos organizaria, como já citado, *Alpendres d’Acauã*, quando reúne grandes nomes de estudiosos sertanejos como Ariano Suassuna e Rachel de Queiroz para, como assentados às sombras dos



alpendres da Fazenda Acauã, de Lamartine, fazer-lhes perguntas, resultando num livro-entrevista bastante elucidativo acerca das terras do sertão nordestino.

Inúmeros estudos acerca da genética da narrativa *A Casa* já comprovam que Natércia Campos toma a Fazenda Acauã como uma das referências para seu tecido textual literário romanesco, é possível verificarmos na obra tal assimilação na seguinte passagem: “Lá para os confins do Reino-das-Pedras, escondido pelas furnas escarpadas de Acauã, ele nascera” (CAMPOS, 1999, p. 107). O transcrito faz referência no enredo quando para contar, pela voz de Eugênia, a história do menino de rasto de plumas. Observemos que Acauã é situada “lá para os confins”, uma vez chegar apenas a história, lá ocorrida, na Trindades, já que ela está localizada em terras cearenses e Acauã em terras do Seridó norte-rio-grandenses. Além da Fazenda Acauã, a Fazenda Não Me Deixes (da também sua amiga Rachel de Queiroz, em Quixadá, Ceará) e a Fazenda Álvaro (de João Ramos, localizada no município de Mulungu, no Maciço de Baturité, a 120 quilômetros de Fortaleza, Ceará - espaço que serviu de cenário para as pinturas *Laura em 'A Casa'* e *Rembrandt aparece em Mulungu*, do artista plástico Pablo Manyé, genro de Natércia Campos, e que serviram como capa para o romance de sua sogra, na sua terceira edição) compõem a tríade de fazendas que algumas pesquisas constatam terem servido de alusões à prosa de *A Casa*.

Natércia Campos publica também no ano de 2001, o ensaio “A alma bíblica do sertão encourado” no livro *Estandartes das Tribos de Israel*, projeto editorial que contou ainda com a composição de Socorro Torquato, Virgílio Maia e Ariano Suassuna e ainda publica, no ano de 2001, seu quinto e último livro *Caminho das Águas*, que é um relato de viagens pelas águas amazônicas. Não é, *Caminho das Águas*, contudo, somente um mero relato de viagem de uma turista à floresta amazônica, mas é um relato da busca de uma prosadora-poeta sertaneja, com e de olhar sertanejo, à poesia das águas – sinônimo, na aridez da caatinga, de vida e abundância. Assim, nesse texto, aparece representado um encontro entre o sertão e as águas, que, culturalmente, tornaram-se espécie de uma exemplar antítese, o que não é completa verdade.

Considerando o conjunto da obra, a autora é eleita pela crítica literária como uma das escritoras mais formidáveis da Literatura Contemporânea da nossa sociedade, por isso mesmo Natércia Campos foi membro da Academia Cearense de Letras, bem como ainda participou da Academia Fortalezense de Letras, Sociedade Amigas do Livro, Poesia Plural e 3x4, grupos literários cearenses. Foi e tem sido lida por muitos leitores, colegas



escritores, professores e pesquisadores acadêmicos que sobre a sua fabulação discorrem, oferecendo sérias análises, avaliações e interpretações de seus textos.

Ângela Gutiérrez, escritora de muitas obras, dentre elas *O mundo de Flora* (1990), membro da Academia Cearense de Letras – ACL e professora acadêmica, afirma que:

Natércia, tal seu pai, apareceu nas letras como escritora com perfeito domínio do duro ofício de imitar Deus na criação de outros mundos. A primeira edição de *A Casa*, publicada em 1998, já revelava uma escritora madura, senhora de seu texto, premiada com este romance ainda inédito e com o livro de contos, *Iluminuras*, em certame nacional [...] (GUTIÉRREZ *apud* GUTIÉRREZ e MORAES, 2007, p. 29).

Também Regina Pamplona Fiúza, diretora-executiva da Academia Cearense de Letras – ACL e membro da Sociedade Amigas do Livro, assegura que, para ela, Natércia Campos sempre será sua Scherazade a narrar histórias sem fim, através da sua força encantatória (*apud* GUTIÉRREZ e MORAES, 2007). Além delas, Artur Eduardo Benevides, o já morto “príncipe dos poetas cearenses”, que também foi membro da ACL, assevera que a escritora tinha uma inteligência incomum, com imensa capacidade de criar na área de ficção: “Ela não faz experiências artificiosas com o seu talento criador, sabendo utilizá-lo com dignidade, como veículo superior de expressão cultural” (BENEVIDES, 2001, p. 218). Já Ruy Câmara, romancista, dramaturgo, roteirista e sociólogo, comenta sobre ela e sua obra: “[...] deixa uma obra consagrada. Eu a admiro profundamente pelo caráter e pelo talento. A Natércia foi um dos grandes exemplos de docilidade literária no Ceará” (CÂMARA, 2004, p. 01). Sânzio de Azevedo – considerado o maior estudioso da Literatura Cearense ainda vivo – afirma, quanto à escritora que:

Ela estudou, porém, com tal profundidade a vida do sertão nordestino, que ler o romance *A Casa* é se embeber em tudo quanto diga respeito aos homens, aos costumes e às paisagens do mundo sertanejo, com suas crendices, como o parto duplo da mãe de um dos viventes dessa história (AZEVEDO *apud* CAMPOS, 2011, p. 13).

Conforme observamos a partir desse recorte de falas, toda a crítica literária concorda com a defesa de Natércia Campos como escritora que muito colaborou e colabora com a Literatura não somente Cearense, mas Nacional. Incontáveis são os especialistas da área que defendem que seu reconhecimento, por merecimento, deveria ultrapassar as fronteiras de uma literatura regional, local e abarcar território nacional. Os estudos e as pesquisas acadêmicas, dentre outras ações, têm contribuído, nesse sentido,



para a divulgação de sua obra. Assim, mais de quinze anos após a sua morte, sua obra mantém-se significativamente viva. Nesse interim, seu romance *A Casa* foi selecionado para compor a lista de leituras literárias do vestibular da Universidade Federal do Ceará – UFC e têm sido, suas obras, adaptadas por inúmeras companhias de teatro, bem como ainda reeditadas e relançadas com vultosa notoriedade. Potencializando divulgação da obra da autora, observamos que especialmente seus contos surgem compondo antologias constantes, solidificando seu nome na Literatura Brasileira. Além disso, sempre é homenageada em exposições culturais (colegiais, privadas, acadêmicas), em poesias e crônicas, por seus vários amigos poetas e cronistas de jornais e até mesmo pela XIII Bienal Internacional do Livro do Ceará, onde ganhou um local específico denominado “Espaço Natércia Campos”, organizado pela Academia Cearense de Letras, para promoção da sua literatura, no ano de 2019.

O OLHAR “DE DENTRO” DA ESCRITORA NORDESTINA AO ESPAÇO SERTÃO: RESPONSABILIDADE E SENSIBILIDADE

A escrita de Natércia Campos nasce de uma visão adquirida da vivência, mas também oriunda da pesquisa, da leitura de escritas sérias de estudiosos conhecedores efetivamente desse espaço real: o sertão. Nesse sentido, trata-se de uma visão que institui, também, outras narrativas para além do já ficcionado, do já construído historicamente e socialmente pelo olhar estrangeiro àquela terra, ou seja, não é uma perspectiva percebida superficialmente por um observador “de fora”, ainda que, esteticamente, a escritora tenha que para fora portar-se. A própria Campos assegura ter sido marcada a ferro e sinal – tal qual os rebanhos das fazendas nos quais eram marcados sinais de seus donos pelo ferro em brasa, às suas peles – ou seja, intensamente, pelo sertão. Quanto a esses olhares, nos afirma Almeida:

[...] a paisagem que nos expõe um narrador com olhar estrangeiro e descompromissado é distinto daquele outro quadro vivido, carregado de significados ligados a uma história, à produção social e simbólica dos seus habitantes (1998, p. 33).

Estudos geográficos acerca dos espaços por um olhar fenomenológico sugerem que as representações do sertão emergem de uma construção ideológica particular de cada um que, tantas vezes, é conduzido por uma voz de poder, de prestígio e/ou de capital



cultural e/ou social que chega às massas sociais, a exemplo, a televisão. Não raramente é uma voz que, ainda que se proponha popular, é erudita. Ela nasce nos salões e invade as ruas que a assimila como se verdade absoluta fosse, quando na realidade é apenas mais uma das tantas versões sobre o espaço do sertão. Essas construções persuasivas, tal qual já afirmava Aristóteles em sua *Poética* (335 a.C a 323 a. C), dão-se por um *ethos*, *pathos* ou *logos* (ARISTÓTELES, 1990) construído nas relações sociais que aceitam como verdades absolutas o que lhes foram apresentados. São seres sociais persuadidos por teias e traçados que tão bem a filosofia marxista já nos apresentou. Por conseguinte, estes seres sociais também moldam, coletivamente, tais persuasões nos novos seres sociais que emergem no tempo, cunhando uma troca de mão dupla nesse jogo entre a persuasão e as massas sociais – numa relação exotópico-cronotópica *bakhtiniana* – no qual, reafirmamos, cremos haver forças de poder que direcionam, direta ou indiretamente, tais persuasões. Assim pensado, o “olhar de dentro” e/ou o “olhar de fora” compõem-se para além daquele “sujeito que olha”, possibilitando-o originar ou não aquele espaço narrado.

Ante todo o processo, a verdade factual do objeto, ou seja, a verdade real do sertão – o que ele é – acaba sendo transmutada numa persuasão que, por certo, terá finalidades específicas para, sobretudo, o capital. Paul Claval (1999) já nos alertou que os homens nunca agem em função do real, mas sim em razão da imagem que constroem dele, ou seja, essa construção interessa a muitos e muitos são os encaminhamentos que partem dela. Observamos, assim, que o sertão, ou melhor, a visão construída desse espaço, seja ela uma visão “de dentro” ou “de fora”, contém símbolos do imaginário social ao tempo que o próprio espaço é componente dele. As visões apresentam sertões distintos: “para os ‘de dentro’, ele constitui o espaço territorial natural socializado, o conhecido, o ‘nosso’ sertão; para ‘os de fora’, é um espaço natural ainda não socializado, o ‘lá’ imaginado e ignoto” (ALMEIDA, 1999, p. 42).

Partindo desses estudos geográficos fenomenológicos, o que a escritora d’A *Casa* nos apresenta é um esquema ficcional extremamente verossímil à visão de um sertão dos “de dentro”. Não uma visão pronta e acabada, mas direcionada, induzida, uma vez que: “[...] a palavra viva, a palavra completa, não conhece um objeto como algo totalmente dado; o simples fato de que eu comecei a falar sobre ele já significa que eu assumi uma certa atitude sobre ele” (BAKHTIN, 1993, p. 50). Contudo, diante dessa visão intencionalizada, ela fortifica, por meio do seu romance, um novo espaço que já existia em literatura brasileira contemporânea, mas que ainda não em franco



desenvolvimento: “o sertão-de-dentro”. Para isso, a Natércia Campos, embora pareça paradoxal, couberam etapas dicotômicas de empatia e afastamento a esse recorte espacial. Esse afastamento é necessário para formar e objetivar uma matéria surgida dessa empatia do olhar “de dentro”. Ou seja, a prosadora literária bebe da fonte e dela mesma afasta-se para olhar o todo horizonte, daí é necessário distanciamento e amplidão. E aqui cabe um esforço para não inserirmos nesse processo uma noção cronológica:

[...] a reflexão estética da vida viva não é, por princípio, a autorreflexão da vida em movimento, da vida em sua real vivacidade: ela pressupõe um outro sujeito, um sujeito de empatia, um sujeito situado do lado de fora dos limites dessa vida. Não se deve pensar, é claro, que o momento de pura empatia é seguido cronologicamente pelo momento de objetivação, pelo momento de formação. Na realidade, ambos os momentos são inseparáveis. A empatia pura é um momento abstrato do ato unitário da atividade estética, e não deveria ser pensado como um período temporal; os momentos de empatia e de objetivação interpenetram-se mutuamente (BAKHTIN, 1993, p. 32-33).

Assim, Campos se submerge a um “sertão-de-dentro” de forma empática e emerge desse sertão de forma objetiva e consciente para, esteticamente, imergir a todos os seus leitores nesse olhar “de dentro”. Para que isso ocorra, ela não pode perder-se, sequer por um só momento, de sua individualidade e lugar “de fora”, que a conscientiza e a torna criadora; a pura empatia somente poderia torná-la inconsciente, improdutiva esteticamente. Então, ao que parece, o “olhar de dentro” é construído reciprocamente diante do “olhar de fora”, mas sem distanciar-se da tênue faixa fronteira que os individualiza, sob o risco do “olhar de fora” devorar o “olha de dentro”, diante de seu poder cultural que tão bem o fortalece. É uma estética da criação literária sobre qual Bakhtin discute:

Devo identificar-me com o outro e ver o mundo através de seu sistema de valores, tal como ele o vê; devo colocar-me em seu lugar, e depois, de volta ao meu lugar, completar seu horizonte com tudo o que se descobre do lugar que ocupo, fora dele; devo emoldurá-lo, criar-lhe um ambiente que o acabe, mediante o excedente de minha visão, de meu saber, de meu desejo e de meu sentimento (BAKHTIN, 1997, p. 45).

O sertão de Natércia Campos possui um espaço geográfico específico, o semiárido do nordeste brasileiro e, mais particularmente ainda, o sertão cearense, aquele que desemboca no mar, sem que haja um outro tipo de flora, fauna, clima para que os una. Ao longo de sua escrita, ela valoriza os espaços interiores – não somente por conta do foco narrativo de *A Casa*, mas sim por um conceito estético narrativo de interesse pelo



interno, pelo privado. Numa perspectiva contrária àquela imagem estereotipada, representa espaços exteriores não somente como locais marcados pela seca ou outras misérias, exibindo uma paleta de cores que avivam a terra – um avivamento telúrico, por meio do qual oferece personagens que vão e vêm, mas não como retirantes, cíclicos de má sinas ou fugitivos, mas como seres que crescem, evoluem e, nesse transcurso, tornam-se cosmopolitas. Vemos ainda a constante presença da morte Moça Caetana, aquela morte sertaneja que torna o fenômeno como algo encantatório, fantástico, repleto de rituais e superstições; apresenta o advento da modernidade e tecnologia de um Brasil urbanista (que foi, até o início do século passado, extremamente ruralista, daí esse *neo* sertão trazer as transformações que lhe são contemporâneas); e exalta, ao máximo, a literatura oral sertaneja, sua memória, sua tradição e sua cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Natércia Campos apresenta-nos um sertão particular, o nordestino. Todavia, representa-o para além da estética da “boniteza da dor”, estereotípiia lancinante aos povos do semiárido do nordeste brasileiro. Cartografando literariamente esse espaço, parte de um olhar metuculoso, “de dentro”, para conhecer e tornar verossímil a estrutura e seres sociais do lugar, que a tudo engendra e se faz particular. Esse “sertão-de-dentro” é um sertão, por vezes, real-maravilhoso; embebe-se do folclorismo, daquele folclore imaterial das crenças, ritos, mitos, danças, falares dos povos sertanejos. É um sertão cordelista, desnudo na literatura oral de sua gente, espaço que ainda cabe aquelas “[...] velhas histórias contadas e lidas à luz das candeias” (CAMPOS, 1999, p. 30), mesmo diante de todo o advento tecnológico. É um caminhar na caatinga, mas também entre águas correntes que seguem para o litoral. Mas, principalmente, é um sertão privado, telúrico, interno, domiciliar, diário.

Esse sertão apresentado na narrativa da escritora Natércia Campos, mas também observado noutras obras em prosa contemporânea, parece mesmo descrever um sertão do tempo que nos é contemporâneo. Cientes que toda obra parte de um contexto social e temporal específicos, o “sertão-de-dentro” seria o sertão atual, com sua modernidade, industrialização e outros mecanismos socioculturais não possíveis no sertão do início do século passado, por exemplo.



Assim, o romance naterciano propõe um olhar “de dentro” desse sertão “do hoje”, ainda que para isso, por meio de uma escrita em tom memorialista, retorne ao passado daquela terra e daquelas gentes, para possibilitar-nos, seus leitores, compreendermos a essência daquela sociedade nascida naquelas terras de interior. No “sertão-de-dentro”, assim como no construto sócio-político sertanejo desse início do século XXI, há uma sutil tendência de alterar a visão de um sertão das miserabilidades, para um sertão das intimidades, seja essa do espaço ou do ser.

Por fim, cremos que sejam necessárias mais pesquisas, análises e reflexões acerca desse novo espaço que se apresenta em literatura brasileira contemporânea: o “sertão-de-dentro”, para que possamos melhor compreendê-lo e interpretá-lo. Dessa maneira, este artigo-ensaístico objetivou contribuir não somente para pesquisas nessa seara, mas também no rol de trabalhos que analisam a escritura feminina, sobretudo, a nordestina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Geralda. “Em busca do poético do sertão”. *Revista Espaço e Cultura*. UERJ, nº 06, p.33-43, jul / dez de 1998.

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A Tradição regionalista no romance brasileiro*. Rio de Janeiro: *Topbooks Editora*, 1999.

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução Eudoro de Sousa. 2. ed. Imprensa Nacional – *Casa da Moeda*. 1990.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 4. ed. Trad. Aurora Fornoni Bernadini. São Paulo: *Unesp*, 1998.

_____. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão Pereira. 2. ed. São Paulo: *Martins Fontes*, 1997.

_____. *Toward a Philosophy of the Act*. University of Texas Press, 1993.

BENEVIDES, Artur Eduardo. “Saudação à Natércia Campos”. In: *Revista da Academia Cearense de Letras*. Fortaleza. v. 101, n. 56, 2001.

CÂMARA, Ruy. “Carinho e Recordação”. In *O povo: O Jornal do Ceará*. Fortaleza, 03 de junho de 2004.

CAMPOS, Natércia. *A Casa*. Fortaleza: Imprensa Universitária – *UFC*, 1999.

_____. *A Casa*. 2ª ed. Fortaleza: *Editora UFC*, 2004.

_____. *A Casa*. 3ª ed. Fortaleza: *Imprece*, 2011.

_____. *Iluminuras*. São Paulo: *Editora Scipione*, 1988.

_____. *A noite das fogueiras*. Fortaleza: *Fundação Edições Demócrito Rocha*, 1998.

_____. *Caminhos das Águas*. Fortaleza: *Editora Universidade Federal do Ceará*, 2001.



_____. Por terras de Camões e Cervantes. 2 ed. Fortaleza: *Imprensa Universitária da UFC*, 2002.

_____. “Discurso de Posse na Academia Cearense de Letras”. In: *Revista da Academia Cearense de Letras. Fortaleza*. v. 101, n. 56, 2001.

_____. (Organizadora). Conversa com Osvaldo Lamartine de Faria. Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC – Natal: *Fundação José Augusto*, 2001.

CLAVAL, Paul. A geografia cultural. Florianópolis: *Ed. da UFSC*, 1999.

COUTO, Marina Vargas. A indústria editorial brasileira – trajetória, problemas e panorama atual. [Monografia. Orientadora: Prof^a Dr^a Maura Ribeiro Sardinha]. Rio de Janeiro: *UFRJ/ECO*, 2006.

GUTIÉRREZ, Angela. MORAES, Vera [organizadoras]. Tributo a Moreira Campos e Natércia Campos. Fortaleza: *Imprensa Universitária*, 2007.

LIMA, Elisabete Sampaio Alencar. A Casa: arquitetura do texto – uma investigação sobre a origem do romance de Natércia Campos (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, *Programa de Pós-Graduação em Letras*, Fortaleza, 2009.

LOBO, Luiza. “Literatura de autoria feminina na América Latina”. *Revista Mulher e Literatura*, Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <<https://filipe.tripod.com/LLobo.html>> . Acessado em 01 de março de 2021.

MACIEL, Nilto. “O fadário na ficção de Natércia Campos”. In: *Diário do Nordeste. Fortaleza*, 06 de junho de 2003.

ZOLIN, Lúcia Osana. “Literatura de autoria feminina”. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). *Teoria Literária: abordagens e tendências contemporâneas*. Maringá: *Eduern*, 2003.

_____. “Crítica Feminista”. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). *Teoria Literária: abordagens e tendências contemporâneas*. Maringá: *Eduern*, 2003.

Recebido em: 20/06/2022

Aprovado em: 22/07/2022